

A MORTE SOCIAL

Coleção **ETHOS**

Coordenação: Claudenir Módolo Alves

- *Cérebro e o robô (O): inteligência artificial, biotecnologia e a nova ética*, João de Fernandes Teixeira
- *Conceito de Deus após Auschwitz (O): uma voz judia*, Hans Jonas
- *Economia e bem comum: o cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*, Élio Estanislau Gasda
- *Ética de Gaia: ensaios de ética socioambiental*, Jelson Roberto Oliveira; Wilton Borges dos Santos
- *Ética e cidadania na educação: reflexões filosóficas e propostas de subsídios para aulas e reuniões*, Antônio Bonifácio Rodrigues de Sousa
- *Ética pós-moderna*, Zygmunt Bauman
- *Ética, direito e democracia*, Manfredo Araújo de Oliveira
- *Ética, direito e política: a paz em Hobbes, Locke, Rousseau e Kant*, Paulo César Nodari
- *Hans Jonas e a filosofia da mente*, Wellistony C. Viana
- *Karl-Otto Apel: itinerário formativo da ética do discurso*, Antonio Wardison C. Silva
- *Morte social (A): mistanásia e bioética*, Luiz Antonio Lopes Ricci
- *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*, Hans Jonas
- *Tratado de bioética*, Christian Byk
- *Vida, técnica e responsabilidade: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas*, VV.AA.

Luiz Antonio Lopes Ricci

A MORTE SOCIAL MISTANÁSIA E BIOÉTICA



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ricci, Luiz Antonio Lopes
A morte social: mistanásia e bioética / Luiz Antonio Lopes Ricci. – São Paulo:
Paulus, 2017. – Coleção Ethos.

Bibliografia.
ISBN: 978-85-349-4529-5

1. Bioética social 2. Desigualdade social 3. Dignidade humana 4. Mistanásia
5. Morte - Aspectos sociais 6. Vulnerabilidade humana
I. Título. II. Série.

17-02083

CDD-177

Índice para catálogo sistemático:
1. Mistanásia: Abordagem bioética 177

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4529-5

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	13
Capítulo I: Modo latino-americano de pensar e fazer bioética	17
Capítulo II: Bioética e mística	33
Capítulo III: Mistanásia: cenários e expressões precedentes	41
Capítulo IV: Mistanásia: origem, definição e relevância	47
Capítulo V: Questão hermenêutica, deslocamento de acento e difusão	57
Capítulo VI: Bioética social: ampliação e integração de várias vozes	73
Considerações finais propositivas: por uma bioética afirmativa	85
Apêndice: À guisa de homenagem e gratidão	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

A Márcio Fabri dos Anjos, pela criação do conceito mistanásia e por inovar ao propor a palavra bioética como adjetivo.

À Pastoral da Criança, por se constituir uma eficiente resistência à mistanásia.

Àqueles e àquelas que colaboram para promover e defender a vida em todas as fases e situações.

APRESENTAÇÃO

A bioética, se não for crítica, pode tornar-se apologética ou ideológica.
Bruce Jennings, editor-chefe da Enciclopédia de Bioética (4ª ed., 2014).

Esta publicação, *A morte social: mistanásia e bioética*, de autoria de Luiz Antonio Lopes Ricci, é fruto do seu pós-doutorado realizado no Programa de Bioética (mestrado, doutorado e pós-doutorado) do Centro Universitário São Camilo (SP), nos anos de 2013–2014, do qual tive a alegria e a honra de ser seu orientador.

O autor se propõe a fazer uma abordagem bioética de um novo conceito de bioética ligado ao final da vida, ou seja, *o conceito de mistanásia* (morte miserável, infeliz, precoce e evitável) na perspectiva de uma bioética social, cotidiana, crítica, latino-americana, integrativa e vivencial. Busca-se resgatar a dignidade de viver e também de morrer. O ano de 2014 marcou os 25 anos do surgimento do neologismo mistanásia em terras brasileiras. Esse termo foi cunhado em 1989 por Márcio Fabri dos Anjos, eminente bioeticista brasileiro. Na verdade, trata-se de um conceito já subjacente nas reflexões bioéticas, especialmente na América Latina, mas que ainda não ganhou plena cidadania como outros termos bioéticos ligados ao final da vida, já consagrados, tais como eutanásia, ortotanásia e distanásia.

O tema que sempre aparece em manchetes na mídia é eutanásia, frequentemente confundida com outros significados, que por vezes alimentam polêmicas e confusões, que em nada ajudam. A *eutanásia* hoje é entendida como abreviação da vida. Em uma

situação de dor e sofrimento ditos “intoleráveis”, há a solicitação da pessoa de tirar a vida, e alguém o faz atendendo essa solicitação. O oposto da eutanásia é a *distanásia*, ou seja, quando há o prolongamento fútil e inútil do processo de morrer. Estando a pessoa em fase terminal, sem perspectivas de cura do ponto de vista científico médico, continua-se a investir em terapias salvadoras de vida. Na literatura norte-americana, esse é denominado de “futilidade médica”, na Europa fala-se em “encarniçamento terapêutico”, e no Brasil fala-se de obstinação terapêutica, ou “ações ou terapêuticas inúteis ou obstinadas” (cf. Código de Ética Médica Brasileiro, 2009). Um médio termo entre esses dois extremos é o que chamamos de *ortotanásia*, ou seja, a morte certa no lugar e momento certo. Seria a morte natural, sem abreviações de um lado, nem prolongamentos indevidos de outro. É o que a filosofia dos cuidados paliativos procura implementar.

O conceito de *mistanásia* vem preencher uma lacuna sentida no habitual trio eutanásia, distanásia e ortotanásia. Na literatura bioética, até recentemente, para se falar de morte social, causada pela pobreza, violência e desigualdade, utilizava-se o termo “eutanásia social”. Na verdade, se formos ver pela etimologia da palavra, o sentido desse vocábulo seria uma morte em paz sem dor ou sofrimento, em nível social; no entanto, é exatamente o contrário que ocorre. Aqui o despedir-se da vida é marcado por sofrimento, abandono, indiferença e violência, entre outros elementos degradantes que violentam a dignidade do ser humano. Não tem nada de “boa morte”, trata-se de uma “morte infeliz”, considerando-se o neologismo de origem grega. É a vida banalizada, “abreviada antes do tempo”, em nível social. Não se trata da “morte de alguém” apenas, mas da “morte de muitos” que, antes de sua morte física, praticamente já estão “mortos socialmente”, numa sociedade que descarta as pessoas, principalmente as mais vulneráveis – do ponto de vista social –, como descarta coisas imprestáveis.

Parabenizamos o autor pela sua coragem profética de ousar em propor uma nova visão bioética das questões de final da vida, ao introduzir este novo conceito de mistanásia. O morrer infeliz nos remete ao viver infeliz, perante o qual todos nós temos que alimentar um compromisso de vida, para além de uma reflexão intelectual filosoficamente muito bem articulada. Estamos cansados dos que somente falam de ética, mas não a vivem integrando-a como um valor de vida no dia a dia do trabalho e da convivência familiar, comunitária e social. Por que hoje nos rebelamos tanto contra a corrupção? Porque os valores fundamentais relacionados com a prática da justiça foram violados! A honestidade não pode ser uma virtude que ficou arquivada tão somente na memória dos estudos filosóficos, ou então mera retórica romântica para ganhar adeptos! Ela tem que ser um valor que seja compreendido e vivenciado no dia a dia de nossas vidas. Nesse sentido o autor advoga a necessidade de cultivarmos uma bioética vivencial, na discussão que apresente a bioética como substantivo e/ou adjetivo. Estamos diante de uma proposta de bioética crítica, e se essa não for crítica, como afirma Bruce Jennings, na epígrafe desta apresentação, ela corre o risco de se tornar “apologética ou ideológica”.

Fazemos votos que este texto tenha ampla divulgação, não somente no âmbito acadêmico universitário, mas que também seja conhecido por todos aqueles que cultivam uma sensibilidade samaritana de promover, proteger e cuidar da vida humana, principalmente aquela mais vulnerável.

Leo Pessini

Professor Doutor no Programa de Bioética (mestrado, doutorado, pós-doutorado) *stricto sensu* do Centro Universitário São Camilo (SP).

Roma, 3 de junho de 2015.

INTRODUÇÃO

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).

JOÃO CABRAL DE MELLO NETO, *Morte e Vida Severina*.

Este livro é resultado da pesquisa de pós-doutorado, concluída em 2014, realizado no Centro Universitário São Camilo, tendo como orientador o Prof. Dr. Pe. Leo Pessini, que apresenta esta obra e a quem externo meus sinceros agradecimentos pela solicitude, incentivo e disponibilidade. A pesquisa objetiva desenvolver o conceito de *mistanásia* (morte social, precoce e evitável) pelo viés da bioética social, cotidiana, crítica, latino-americana e integrativa, para evidenciá-lo de modo mais contundente e, talvez pretensiosamente, *cravá-lo* na agenda da bioética local e global, na produção científica e bibliográfica e no conteúdo das disciplinas afins, como algo orgânico e transversal na reflexão referente à dignidade de viver e de morrer, por ocasião da celebração dos 25 anos do neologismo *mistanásia*, cunhado em 1989 por Márcio Fabri dos Anjos, bioeticista brasileiro. Trata-se de um tema já coexistente e subjacente nas reflexões bioéticas, mas que ainda não aparece de forma clara, conceitual, suficientemente difundida e transversal. O escopo é colaborar para que a coexistência seja integrativa, visível e profícua.

A bioética, como ética aplicada, situada num contexto social injusto e plural, visa contribuir para a tutela, defesa e promoção da vida humana, sobretudo, a vulnerada¹ e exposta à possibilidade de

¹ Prefere-se neste texto a expressão *vulnerada* (SCHRAMM) para designar ato e não potência. A *mistanásia* atinge pessoas concretamente vulneradas, *feridas*, expostas à doença e à morte, por conseguinte não genericamente vulneráveis.

morte *mistanásica*: precoce e evitável. Na perspectiva da cultura da vida e da ética do cuidado e da responsabilidade, buscar-se-á oferecer propostas e contribuições bioéticas e éticas que potencializem a defesa da vida física em todas as fases e situações, à luz da realidade brasileira e do modo latino-americano de pensar e fazer bioética, desde o lugar social, com olhar alargado, resultado da indignação ética e profética. Trata-se de elaborar uma reflexão bioética com os pés no chão que responda aos anseios do aqui e agora, por meio do deslocamento de acento, para ir além (*transgredir* sem *trair*), ampliar o horizonte, num movimento contínuo em direção ao outro vulnerado, ferido e ofendido em sua dignidade. Ser *ponte*, função da bioética na visão do pioneiro Potter, significa, nesse horizonte, interligar as necessidades que emergem da vida concreta das pessoas.

Para tanto, o conceito de *mistanásia* facilita esse papel, tanto como substantivo (*mistanásia*), quanto como adjetivo (*mistanásica*). Trata-se da *morte adjetivada*, com conotação ética, não natural ou normal. A morte é um substantivo, porém *mistanásica* (precoce e evitável) é um adjetivo que pede transformação social e pessoal. No Brasil, por conta da desigualdade social, há um *exército* de vulnerados em situação de risco. Essa realidade fez surgir uma produção *bioética à brasileira*, que tem conquistado o seu espaço, ainda que reduzido, na reflexão global. Nesse cenário desfavorável, a bioética configura-se como uma espécie de *ação afirmativa* para corrigir o sistema e impedir ou diminuir as mortes evitáveis e precoces, conectando duas dimensões: ética e profética. A bioética, assumida tanto como substantivo (conceitual) quanto como *adjetivo* (pessoal e institucional), proposta recente de Márcio Fabri, pode perfeitamente cumprir esse papel de facilitar a dignidade de viver e de morrer. Por essa razão, o presente texto buscará analisar os problemas relacionados à sobrevivência humana e à defesa da vida física, em todo arco de sua existência, à luz da bioética social, cotidiana e do conceito de *mistanásia*.

Além da mencionada comemoração dos 25 anos da publicação do conceito de mistanásia, no *Boletim ICAPS* (Informativo do Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde) n° 57, cabe inserir ainda como motivações para a publicação deste livro: os 10 anos de falecimento de Leonard M. Martin, teólogo moralista e bioeticista atuante no mundo da pesquisa e ciência, além de ser o principal pesquisador e divulgador do neologismo mistanásia; os 20 anos da publicação da Encíclica *Evangelium vitae*; e o XI Congresso Brasileiro de Bioética (2015), cujo tema é conexo a esta reflexão: “Bioética e Desigualdades”. No domínio acadêmico as motivações são: a) *cravar* de modo orgânico o valioso conceito de mistanásia na reflexão bioética, em pesquisas, textos e conteúdo das disciplinas e programas afins; b) aproximar “situações emergentes” ao “princípio de necessidade básica” do ser humano, campos de interesse da bioética brasileira e dos vulnerados; c) considerar a vida real e concreta da população vulnerada e “o absurdo desperdício de vidas humanas no Brasil”,² por conta do precário direito à saúde e prevenção de doenças, homicídios, violência, acidentes de trânsito, poluição, dependência química etc.; d) conectar bioética e mística, buscando uma mística para a bioética, e reconhecer o significativo aporte de elementos da teologia moral ao debate bioético, como “racionalidades complementares”; e) fazer a interface entre bioética e teologia (que inspira e perpassa a produção deste texto), entre o conceitual e o vivencial, assumindo a bioética também como adjetivo.

O método adotado para a elaboração deste texto é o analítico-crítico-descritivo, com vista ao propositivo e prescritivo: afirmar e defender a vida exposta e vulnerada, tendo a bioética como adjetivo, objetivando a dignidade do viver e do morrer. Trata-se de uma abordagem conceitual, contextual, interdisciplinar, bibliográfica, analítica e crítica.

² L. PESSINI, “O absurdo desperdício de vidas humanas no Brasil”, em *O São Paulo - Semanário da Arquidiocese de São Paulo*, n. 3.023, 15 a 21/10/2014, ano 59, p. 5.

O itinerário terá como ponto de partida o modo de ser latino-americano como ambiente favorável para o surgimento do conceito de mistanásia, seguido de uma proposta de mística para a bioética. A seguir, serão apresentados os cenários históricos que precederam o termo, para, posteriormente, chegar ao conceito em si, sua difusão, contribuição para o deslocamento de acento em bioética, relevância e integração de novas vozes na sinfonia possível pelo viés da bioética social e cotidiana. Tudo em vista de uma nova partida para uma possível afirmação *definitiva* e uma *nova chegada* à agenda da bioética local e global e, acima de tudo, ao coração e à mente dos destinatários, a fim de que a bioética seja vivencial, assumida também como adjetivo com forte incidência no tecido político-social.